



7 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 21 de janeiro de 2024

<b>Bolsas</b> Na sexta-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na sexta-feira	<b>Salário mínimo</b>	<b>Euro</b> Comercial, venda na sexta-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
0,25% São Paulo	127.316 16/1 17/1 18/01 19/01	R\$4,930 (+ 0,09%)	R\$ 1.412	R\$ 5,38	11,65%	11,45%	Julho/2023 0,12 Agosto/2023 0,23 Setembro/2023 0,26 Outubro/2023 0,24 Novembro/2023 0,28
1,25% Nova York		Últimos					
		16/janeiro 4,925					
		17/janeiro 4,875					
		18/janeiro 4,857					
		19/janeiro 4,930					

## TENDÊNCIA

Estudo da FercomércioSP aponta que, mesmo comemorando saldo recorde, país patina no mercado internacional

# Dilema brasileiro no comércio exterior

» EDLA LULA

Brasil encerrou o ano de 2023 celebrando o recorde de US\$ 99 bilhões no saldo da balança comercial. O dado é importante, porque contribui positivamente no resultado de todas as transações realizadas entre o país e o resto do mundo, chamado balanço de pagamentos. No entanto, um estudo da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomércioSP) mostra que o resultado se deve mais à queda nas importações do que ao crescimento do Brasil no comércio exterior.

Ao destrinchar os números apresentados pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), o estudo revela que a economia brasileira segue fechada, mantendo a sua corrente de comércio em, no máximo, 1,5% do comércio mundial. Segundo o relatório do MDIC, a corrente de comércio — a soma entre importações e exportações — caiu 4,3% em relação a 2022, totalizando US\$ 580,51 bilhões.

A performance brasileira em 2023 segue uma tendência mundial. Segundo o relatório *Global Trade Update*, divulgado pela Unctad, a corrente de comércio global caiu 4,5% entre 2022 e 2023, totalizando US\$ 31 trilhões.

Porém, o documento da FecomércioSP enxerga “algumas distor-

ções” que levam o Brasil a ter uma pequena participação no mercado internacional, já que o País é a nona maior economia do mundo em termos de Produto Interno Bruto (PIB), segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), mas ocupa a 26ª posição no ranking de maiores exportadores.

“O importante, ao analisar a balança comercial, não é apenas verificar se houve superávit. Isso remonta ao mercantilismo. Mas é a corrente de comércio que vai dizer o quanto o Brasil está se abrindo para o mundo”, observa André Sacconato, consultor econômico da FecomércioSP. Nesse ponto, diz ele, “há um dado terrível” no resultado de 2023.

“A participação do comércio internacional do Brasil no mundo permanece extremamente insignificante”, observa, ao recordar que o país se mantém na mesma posição de 50 anos atrás.

O saldo recorde aconteceu porque o crescimento de receitas de exportações foi de apenas 1,5%, enquanto os gastos com importações caíram quase 12% na comparação com 2022.

“Na perspectiva da FecomércioSP, esse não é um resultado plenamente positivo, porque significa que o país perdeu espaço no comércio internacional”, diz o documento da FecomércioSP, que nesta segunda-feira será distribuído aos seus associados.

Sacconato entende que o caminho para romper a barreira

dos 2% na participação brasileira no comércio exterior, seria a adoção de políticas de estado que facilitassem as importações. Dessa forma, as empresas teriam acesso a insumos mais baratos e de maior conteúdo tecnológico, além de gerar ganhos de produtividade e aumentar a competitividade das nossas exportações. Além disso, favoreceria o “bem-estar” dos consumidores.

No entender da FecomércioSP, o modelo de participação brasileira no jogo comercial, por meio da escalada tarifária — o aumento das tarifas de importação conforme o avanço no estágio de produção —, revela uma política protecionista que impede a abertura comercial.

“Sabemos que existe uma preocupação com a produção nacional. Mas uma política industrial não pode ser baseada apenas em tributação. Fazer política industrial é olhar para o futuro, é investir em setores que possam gerar resultados no futuro”, aponta Sacconato. “Se o país quiser olhar para o longo prazo, não vai ser com políticas de desonerações ou de facilitações setoriais que o país vai para a frente. É preciso olhar para uma política industrial séria”, completa.

Outros dilemas na balança comercial brasileira, apontados pelo estudo, são a dependência da China como principal parceiro comercial e a concentração excessiva das exportações em apenas três commodities: soja, petróleo e minério de ferro.

“É significativo que, em 10 anos, as exportações para o gigante asiático cresceram cinco vezes, enquanto os outros dois grandes receptores de produtos brasileiros, o Mercosul e os Estados Unidos, seguiram em patamares parecidos durante esse período”, aponta o documento.

“Não é um dado animador imaginar que o Brasil está cada vez mais se concentrando em termos de destinos e cada vez mais se concentrando em termos de produtos. É necessário se fazer uma discussão de duas coisas: política comercial e política industrial”, sugere o economista da FecomércioSP.

Divulgação/Fecomércio-SP



Para o economista André Sacconato é preciso facilitar importações



Boletim informativo das Organizações PaulOOctavio

EDIÇÃO Nº 932 | ANO 49

21 DE JANEIRO DE 2024 | BRASÍLIA/DF



## BRASÍLIA PALACE

CAPITAL É ELEITA PELO NEW YORK TIMES COMO UM DESTINO A SER CONHECIDO

Um dos mais importantes e influentes do mundo, o jornal *The New York Times* acaba de eleger Brasília como um dos 52 destinos turísticos para se conhecer em 2024. A publicação destaca principalmente a arquitetura da cidade por seus prédios “futuristas e modernistas”, lembrando ainda as obras de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. “Brasília é uma cidade aberta e integrada”, definiu o NYT.

O primeiro edifício da capital projetado por Niemeyer foi o Brasília Palace Hotel, inaugurado em 30 de junho de 1958 por Juscelino Kubitschek, dois anos antes da inauguração da capital federal, em 21 de abril de 1960. Por eles passaram reis, rainhas, presidentes e ministros. Reconstruído pelas Organizações PaulOOctavio nos anos 1990, o Brasília Palace é um exemplo vivo da arquitetura e do dinamismo daqueles anos dourados do Brasil.

Para quem ainda não conhece a capital, o hotel é uma das melhores opções de hospedagem, por combinar acessibilidade, o projeto de Niemeyer, obras de arte de Athos Bulcão e a modernidade da arquitetura brutalista dos anos 1960. Para completar, o restaurante Oscar ainda tem o charme de uma mesa eternamente reservada para o mestre que projetou, e anos mais tarde acompanhou a restauração, do primeiro prédio de Brasília.

www.paulooctavio.com.br

Informe Publicitário

## Corrente de comércio do Brasil em 2023

### (EXPORTAÇÕES + IMPORTAÇÕES)

Comércio mundial	US\$ 31 trilhões	(-4,5%)
Brasil	US\$ 580,51 bilhões	(-4,3%)

### PRINCIPAIS PARCEIROS:

1º China	US\$ 159,68 bilhões	(+ 4,8%)
2º União Europeia	US\$ 91,70 bilhões	(-3,6%)
3º Estados Unidos	US\$ 74,82 bilhões	(-15,7%)
4º Argentina	US\$ 28,71 bilhões	(+0,9%)

Fontes: MDIC e UNCTAD

## EQUIDADE

# Desigualdade econômica cria abismo social entre homens e mulheres

O relatório *Desigualdade S.A. – Como o poder corporativo divide nosso mundo e a necessidade de uma nova era de ação pública* divulgado pela Oxfam no âmbito do Fórum Econômico Mundial, que ocorre em Davos, na Suíça, mostra que profundas desigualdades econômicas ainda impõem a condição de inferioridade à mulher, na comparação com os homens.

A organização internacional, que reúne entidades que trabalham no combate à pobreza e à desigualdade no mundo, aponta, por exemplo, que as mulheres ainda ganham 51 centavos para cada dólar da remuneração masculina. “Em termos globais, os homens possuem 105 trilhões de dólares em patrimônio a mais do que as mulheres – a diferença é equivalente a mais de quatro vezes a eco-

nomia dos Estados Unidos”, observa um dos trechos do documento.

Outro dado exposto no relatório denuncia que mais de três quartos do trabalho de cuidado não remunerado em todo o mundo estão a cargo de mulheres. O montante representa três vezes o tamanho da indústria global de tecnologia.

As mulheres também são maioria nos empregos mais mal pagos e precários no mundo. “Os baixos salários fazem com que muitos trabalhadores enfrentem longas jornadas e fiquem presos à pobreza, enquanto as persistentes disparidades salariais entre homens e mulheres e as pesadas cargas de cuidado não remunerado refletem uma economia global que se baseia na exploração sistemática das mulheres”, destaca trecho do documento.

O relatório sugere que as empresas coloquem em prática regras que ajudem as mulheres e garantam que todos sejam tratados de forma justa, o que inclui dividir melhor o trabalho não remunerado, como cuidar da casa e dos filhos.

O documento da Oxfam foi compartilhado na página da internet do G20, o grupo das 20 maiores economias do mundo, que este ano está sob a presidência do Brasil. O G20 acaba de criar o Grupo de Trabalho de Empoderamento de Mulheres, que tem como prioridade o combate à desigualdade de gênero.

“A pauta da igualdade de direitos entre homens e mulheres é crucial para nós”, disse a ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, coordenadora do GT. (EL)